



O DISCURSO SOBRE LÍNGUA E A SUA REPRESENTAÇÃO NA SOCIEDADE

Ellen Aurea Karolina HETWER⁴ - PG/UEMS

Resumo: Este artigo faz parte de um trabalho desenvolvido como Prática de Componente Curricular da disciplina de Análise do Discurso, do 5º semestre do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob orientação do Professor Drº Paulo Cesar Tafarello. Foram realizadas entrevistas com discentes dos Cursos de Comunicação Social, Ciência da Computação e Licenciatura Plena em Letras da mesma Universidade, e com um discente do curso de Psicologia da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (UNIFIMES), a partir de duas reportagens sobre o cantor e compositor Ed Motta retratando a Língua Portuguesa e os brasileiros. De modo geral, o objetivo foi compreender como a Língua perpassa em nosso meio e o que ela representa na sociedade. E como as reportagens influenciaram nos discursos dos entrevistados. Nossa análise foi traçada na perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa, baseando-se principalmente em Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi.

Palavras-chave: Língua. Sociedade. Discurso. Análise do Discurso.

Introdução

A história da Língua e Linguagem se originou a milhares de anos. Desde os povos hindus, passando pelos gregos, romanos, hebraicos, Idade Média e entre outros, até chegar ao linguista e filósofo Ferdinand Saussure.

A prática de nos comunicarmos, de interagirmos, é plausível para nós através de uma ferramenta abstrata que é a língua.

Assim sendo, nosso ponto de partida neste trabalho será o de conceituar a Língua sob o olhar do linguista Saussure considerado como o “pai da Linguística”.

A linguística, só veio a ser discernida quando Charles Bally e Albert Sechehaye, após a morte de Saussure resolveram publicar, com base em anotações feitas ao longo de cursos concedidos pelo linguista, na Universidade de Genebra entre os anos 1906 a 1911, um livro intitulado como “Curso de Linguística Geral” com sua primeira edição em 1916.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Campo Grande - MS. Email:ellenhetwer@gmail.com



De acordo com Saussure “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações de linguagem humana, (...) considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão”. (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Sendo a Língua o objeto de estudo da Linguística, o linguista Saussure reforça a afirmativa de que a linguística se atenta especialmente ao estudo da língua por ela ser um sistema de regras e organizações empregadas por uma determinada comunidade para a comunicação e compreensão entre si.

A Língua é definida por Saussure como um sistema de signos “ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Por isso, o objetivo geral deste trabalho constitui-se em analisar os discursos dos entrevistados, a partir de duas reportagens com o cantor Ed Motta, seguido de um questionário com quatro perguntas, sendo elas: 1º) Em sua opinião o que é Língua?; 2º) Como você acha que a Língua influencia no papel no papel das pessoas na sociedade?; 3º) Como você vê a Língua Portuguesa em relação a outras Línguas?; 4º) O que você achou dessa postagem? Como o cantor Ed Motta retrata a Língua Portuguesa? sendo este o nosso corpus. Em seguida agrupamos os enunciados em quatro discursos. E mediante esses discursos, compreender como a Língua funciona, e o que ela representa na sociedade.

Nossa análise se firma na perspectiva teórica da Análise do Discurso, doravante AD, de Linha Francesa, fundamentando-se principalmente em Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi.

O conceito de Língua segundo Ferdinand Saussure

Uma das práticas de comunicações possíveis é concretizada através da Língua. A Língua do qual mencionamos não é um órgão e sim um sistema, um espaço.

Pensar em Língua nos remete automaticamente pensar em Saussure. Não apenas em Saussure, mas na linguagem como um todo e em sua trajetória no decorrer do tempo.

O interesse pelas línguas vivas começa a ganhar força no século XIX, onde de fato foram se estabelecendo. E é nesse mesmo século que Saussure apresenta um novo conceito de Língua, afirmando que ela não é nada mais que um sistema de signos. Em outras palavras, “ela é a parte



social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem 67odi-la nem 67odifica-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Saussure distingue a Língua como um fato social, evidenciando – a como um produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder. Todas as questões da língua são voltadas ao homem que observa o mundo ao seu redor. Ademais a Língua também é relacional, pois todo o sistema da Língua se relaciona com outros sistemas.

Para perceber que a língua não é senão um sistema de valores puros, Saussure parte da análise de dois de seus aspectos básicos, as ideias e os sons.

De acordo com Saussure, a Língua é um sistema que pode ser estudado separadamente. Ela é homogênea, visto que “constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. (SAUSSURE, 2006, p. 23).

A Língua é também simbólica, ela existe a partir de uma coletividade, “sob a forma duma soma de sinais depositada em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”. (SAUSSURE, 2006, p. 27).

Com relação a fala, Saussure opõe a língua à fala, considerando a língua como social e psíquica, enquanto a fala seria individual. Porém, ele (Saussure) mesmo reconhece que a língua não se realiza senão na fala. Em objeção a língua, a fala não possui coletividade, “suas manifestações são individuais e momentâneas”. (SAUSSURE, 2006, p. 28).

Além disso, a fala é feita por meio de frases, sendo essas, aspectos sistemáticos. Mesmo que o falante tenha autonomia para escolher os termos com que irá compor seu enunciado, não pode organizar esse enunciado fora das normas da língua, porque se não, não faria sentido. Assim, a fala, ainda que individual, se realiza igualmente na estrutura. Essa ordem é significativa em muitas línguas e extensamente responsável pela formação do sentido, pois a troca de termos em uma dada sentença poderia modificar o sentido, alterando seus valores. Logo, todos esses aspectos não seriam outra coisa senão o caráter negativo da língua se ampliando, espontaneamente, para sistematizar a fala.



Esse artigo foi fundamentado na Análise de Discurso, doravante (AD) de linha francesa, surgida na década de 60, tendo como fundador principal e também fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso, Michel Pêcheux. A AD surge para refletir novos instrumentos teóricos. Ela buscar pensar o que o sujeito quis dizer afinal, buscando entender como os sujeitos produzem sentidos na sociedade.

Eni de Lourdes Puccineli Orlandi, foi a responsável a propagar a Análise de Discurso no Brasil, no final dos anos 70.

De acordo com Orlandi (2015) a AD surge nos anos 60 como resultado da articulação de três áreas do saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise e que representam uma ruptura teórica com o século XIX. A Linguística sob um viés de Ferdinand Saussure, o Marxismo de Karl Marx e a Psicanálise de Jacques Lacan.

Na Linguística: a língua não é transparente: Materialidade da língua. No Marxismo: a história não é transparente ao homem: Materialidade da história. E a Psicanálise: o homem não é transparente nem para si mesmo: Opacidade do sujeito.

Para que fosse possível entendermos melhor sobre a Análise de Discurso e seu funcionamento, sabendo que a mesma se integra de vários conceitos, escolhemos três desses conceitos para expormos de uma forma mais clara e sucinta, sendo eles: discurso, sujeito e formações discursivas.

A AD trabalha a relação entre língua, discurso e ideologia. Como refere Orlandi (2015), essa relação se dá pelo fato de que, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (ORLANDI, 2015, p. 15). A Análise de Discurso considera a linguagem como mediadora entre o homem e a sociedade, e essa mediação é o próprio discurso. Deste modo, “colocar o discurso como objeto central significa também considerar alguns aspectos de sua constituição – a não-transparência da linguagem, a não transparência dos sentidos, a constituição histórica do sujeito e a sua não-evidência – ou evidenciá-lo, (...)” (TAFARELLO, 2012, p. 21).

Para Pêcheux, o discurso é o efeito de sentidos entre interlocutores. “O discurso é o lugar de observação do contato entre a língua e a ideologia, sendo a materialidade específica da ideologia o discurso e a materialidade específica do discurso, a língua”. (ORLANDI, 2012, p. 86).



Ainda em conformidade com Orlandi (2001), a análise do discurso, procura diferenciar um discurso do outro, ao mesmo tempo que busca construir uma generalidade. Podendo ser definida ainda como um discurso, ou seja, como uma leitura que se constitui em determinadas condições. O discurso procurar determinar e entender como a linguagem e a ideologia se conectam.

Com relação do sujeito, este se defini a partir da ligação entre história e ideologia. “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando-se pelo simbólico na história”. (ORLANDI, 2012, p. 100). O sujeito também pode ser interpretado pela AD como uma forma, no e do Discurso.

Orlandi destaca sobre um sujeito assujeitado, isto é, sobre o assujeitamento do sujeito:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabe-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento. (ORLANDI, 2015, p. 48).

Sobre a Formação Discursiva (FD), determina o que pode e o que não pode ser dito. A FD é constitutiva do sentido. É na FD que percebemos evidências. Ela revela como é o processo de produção dos sentidos historicamente, e como se dá o funcionamento do discurso, tentando apontar, por exemplo, o que um grupo social pensa e/ou justifica sobre determinados assuntos da sociedade. A formação discursiva representa no discurso a ideologia. Assim, Orlandi explica que, “é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”. (ORLANDI, 2015, p. 42).

Quanto ao analista, compete a este observar os sentidos que surgem dos discursos. Antes de analisar algo, o analista primeiramente precisa conhecer seu objeto e o seu fato histórico. Depois observar e averiguar para onde o discurso está sendo levado. Deixando claro que, para a AD, não existe uma forma de interpretação exata, mas sim, possibilidades de interpretação.

Metodologia



Orlandi enfatiza que toda a Análise de Discurso presuma uma tipologia. Porém não são todos os analistas que expõe a tipologia que utilizam em suas análises. O resultado disso acarreta tanto do desconhecimento da função da tipologia para a análise de discurso, quanto no desconhecimento dos diferentes critérios que são utilizados para determinar diferentes tipologias.

A escolha de uma tipologia não se dá apenas por uma menção, ela é determinada a partir da opinião que o analista tem de discurso, de sua posição mediante ao problema da ideologia, ao modelo de análise que utiliza, e ao domínio de conhecimento que o analista tem sobre o assunto. Sendo assim, o que determina uma tipologia em qualquer discurso, é “o objetivo da análise e sua relação com a natureza do texto que é o objeto da análise” (ORLANDI, 2001, p. 220)

Como ressalta Orlandi, a Análise do Discurso tem um discernimento sobre funcionamento. Assim, “a análise se faz por etapas que correspondem à tomada em consideração de propriedades do discurso referidas a seu funcionamento (...) o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico”. (ORLANDI, 2015, p. 75).

O nosso percurso metodológico é o proposto por Rodrigues (2011):

Se for possível pensar uma questão metodológica específica para a Análise do Discurso, talvez seja necessário retomar ou pensar de forma geral a questão da metodologia para as Ciências Humanas como um todo. Há, no mínimo, dois motivos que seria interessante levantar: a questão do método e a questão do objeto. (RODRIGUES, 2011, p. 43).

Iniciamos com a definição do objeto e objetivos. Depois decorremos de um recorte de um *corpus* e a partir do mesmo realizamos o primeiro recorte de enunciados.

Em seguida, agrupamos os enunciados em discursos considerando o nosso objetivo proposto, que era o de compreender como a Língua perpassa em nosso meio e o que ela representa na sociedade, levando em consideração o *corpus* (reportagem) que já fora mencionado anteriormente. E classificamos os grupos de enunciados em quatro discursos, para que então pudéssemos analisar esses discursos quanto a posição ideológica, a relação com outros discursos, quanto ao interdiscurso e suas memórias discursivas.

Além disso, foram utilizados como base, autores como, Ferdinand Saussure, Michel Pêcheux, Eni Puccinelli Orlandi, Marlon Leal Rodrigues e Paulo Cesar Tafarello.



Análise

Constituição do Corpus

Antes de apresentarmos como o *Corpus* foi definido, vale ressaltar que esse artigo faz parte de um trabalho desenvolvido como Prática de Componente Curricular da disciplina de Análise do Discurso, do 5º semestre do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob orientação do Professor Drº Paulo Cesar Tafarello, em 2015.

O intuito era buscar na internet notícias relacionadas a Língua e Linguagem. Em seguida, o *corpus* foi desenvolvido através de duas reportagens disponíveis na internet envolvendo o cantor e compositor Ed Motta. A primeira foi divulgada no site do R7 Entretenimento, no tópico “Música”, intitulada “*Ed Motta diz que Paula Toller é “burra” e brasileiro é “povo feio”. Músico causou polêmica na internet com comentários e admitiu ter exagerado*”. Já a segunda foi publicada no site DCM – O ESSENCIAL, com o título “*Ed Motta anuncia turnê na Europa e pede que brasileiros “simplórios” não apareçam*”.

Feito a escolha do *Corpus* (reportagem) o intuito era tentar demonstrar como um brasileiro, tendo a Língua Portuguesa como primeira língua, se sujeitaria a expor impropriamente sobre o “povo” brasileiro.

Após as reportagens escolhidas e a questão anteriormente citada, foram realizadas entrevistas com acadêmicos voluntários dos cursos de Licenciatura Plena em Letras, Comunicação Social e Ciência da Computação, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Alto Araguaia – MT. E também com um acadêmico do curso de Psicologia da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (UNIFIMES). de outra Universidade. No qual foram feitas as seguintes perguntas:

- 1º) Em sua opinião o que é Língua?
- 2º) Como você acha que a Língua influencia no papel das pessoas na sociedade?
- 3º) Como você vê a Língua Portuguesa em relação a outras Línguas?



4º) O que você achou dessa postagem? Como o cantor Ed Motta retrata a Língua Portuguesa?

As entrevistas, foram gravadas em áudio com a autorização dos acadêmicos entrevistados. Depois foram feitas as transcrições dessas entrevistas. Logo após, foram executados o recorte dos enunciados, agrupando-os em quatro discursos:

1. Discurso: Língua como meio de comunicação.
2. Discurso: Língua como norma padrão no uso.
3. Discurso: Língua como idioma.
4. Discurso: Língua e a sua relação com a sociedade.

4º Discurso: Língua como meio de comunicação

Nesse discurso percebemos que ambos os entrevistados definem Língua como um meio de comunicação,

(1) *“É uma maneira de interação, é o modo de se comunicar (...) há vários tipos de palavras, há vários tipos de interação”*. (entrevistado do curso de Licenciatura Plena em Letras, p. 2).

(2) *“Língua é aquele meio de comunicação, onde todos falam iguais ou se comunicam igual(...)”*. (entrevistado do curso de Psicologia, p. 1).

(3) *“Língua na minha opinião é uma maneira de comunicação entre as pessoas(...)”*. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p. 3).

(4) *“Na minha opinião, língua é uma forma de comunicação na sociedade”*. (entrevistado do curso de Comunicação Social, p. 4).

Aqui, identificamos que a língua é considerada como ferramenta, utilizada pelos sujeitos para comunicarem-se. Nesse sentido, o sujeito, dada a diferença entre uma língua ideal, preconizada



pelos romanos e pelos linguistas da Idade Média traz a noção de uso comunicativo da língua e vai além, entendendo a língua como elemento social (maneira de interação).

Discurso: Língua como norma padrão no uso

A língua é tratada a partir de um conjunto de regras, como norma padrão. A Língua Portuguesa aqui é definida, de modo geral, como complexa,

(1) “(...) *uma pessoa que sabe falar melhor, ela tem um estudo mais aprofundado sobre aquela língua*”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p.3).

(2) “*Ela influencia muito, tanto no falar o certo, o correto e no errado*”. (entrevistado do curso de Psicologia, p. 1).

(3) “*A Língua Portuguesa é muito complexa, porque muitas vezes o que se escreve não é o que se diz*”. (entrevistado do curso de Licenciatura Plena em Letras, p. 2).

(4) “*Eu particularmente acho muito bonita, apesar de ser muito complexa. É uma das línguas mais difíceis de aprender no mundo*”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p. 3).

(5) “*Influencia muito por causa das pessoas que não falam a norma padrão*”. (entrevistado do curso de Licenciatura Plena em Letras, p. 3).

(6) “(...) *uma fala formal é diferente de uma fala informal*”. (entrevistado do curso de Licenciatura Plena em Letras, p. 2).

(7) “*A Língua Portuguesa ainda é uma língua muito difícil, porque tem muita coisa, muitos significados para pouca coisa*”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p.1).

Constatamos que em todos os discursos dos entrevistados há algo em comum entre eles. Todos evidenciam a Língua Portuguesa como algo difícil e muito complexo, e também seria uma



das línguas mais difíceis de aprender. O que pôde transparecer é que a língua descrita pelos entrevistados vai mais além, ela também pode determinar ideologicamente que são os sujeitos que falam “certo e errado”.

A língua é exposta como um sistema de regras a ser seguida pelos seus falantes de modo a manter a língua dos clássicos, assim como acontecia na Grécia onde os gregos consideravam com superioridade a sua língua em relação a de outros povos.

Discurso: Língua como idioma

Vejamos alguns enunciados:

- (1) “(...) *é um idioma também, um mesmo idioma*”. (entrevistado do curso de Psicologia, p.1).
- (2) “*Língua seria o idioma falado, o idioma em si falado, quando se fala de língua*”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p. 1).
- (3) “(...) *ainda mais que esse é o idioma nascido dele, o idioma que ele nasceu falando*”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p. 1).

Como visto nos enunciados acima o que predomina são discursos que apontam para a definição de língua como um idioma falado pelos sujeitos de uma sociedade. Ressaltamos aqui que uma das objetivações dos estudos linguísticos na Idade Média foi a necessidade de comunicação entre os romanos e outros povos mantendo assim o latim como língua oficial da igreja. Já para Saussure a língua é social e a fala individual. Todavia, segundo Saussure a língua só se materializa na fala, caracterizando assim um idioma.

Discurso: Língua e a sua relação com a sociedade

O que verificamos inicialmente nesse discurso é a língua sendo relacionada com a sociedade. Língua e sociedade aqui seriam fatores primordiais entre os falantes.



Como exposto nos seguintes enunciados:

- (1) “(...)e essa influência na sociedade acontece, porque em diferentes casos e diferentes posições, a língua, além de comunicar, ela mostra um certo grau de conhecimento (...). (entrevistado do curso de Licenciatura Plena em Letras, p. 2).
- (2) “Na minha opinião, língua é uma forma de comunicação na sociedade”. (entrevistado do curso de Comunicação Social, p.3).
- (3) “(...) porque vivemos em uma sociedade em que essas relações são fundamentais, relações de falar, como também de ouvir o outro (...)”. (entrevistado do curso de Comunicação Social, p.3).
- (4) “Porque a sociedade, como falei na primeira pergunta, ela é composta através da língua”. (entrevistado do curso de Ciência da Computação, p. 3).

Como observado nos enunciados acima, há uma junção entre língua e sociedade onde uma não existe sem a outra, ou seja, não há língua sem sociedade e não há sociedade sem Língua.

Faz-se importante ressaltar que essa relação entre língua e sociedade é a mesma que Saussure apresenta em sua teoria, aludindo que a língua é como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder.

Considerações Finais

A finalidade deste artigo, era o de exibir sobre a definição de Língua e o como ela é vista pela sociedade. Para tal fim, utilizamos as reportagens com Ed Motta para que os entrevistados pudessem ter uma melhor convicção sobre os nossos objetivos mediante o trabalho. Ao mostrarmos as reportagens a eles, notamos de imediato um estranhamento diante do que acabaram de ler.

Fizemos um breve histórico sobre língua, de acordo com a perspectiva teórica de Ferdinand Saussure. E o que percebemos foi que a língua pode ser uma forma de comunicação, um produto social, sistema de valores, um idioma e também um objeto de natureza abstrata.



Além disso, discorreremos sobre um breve percurso, no qual foram utilizados para embasamento teórico, a Análise do Discurso de linha Francesa. No qual foram abordadas questões como Discurso, Sujeito, Formações Discursivas, finalizando com a função do analista. Ainda durante esse percurso, constatamos que para a AD, não existe uma forma de interpretação exata, mas sim, possibilidades de interpretação.

Apresentamos nossa metodologia de pesquisa, nosso *corpus* e também nosso objeto.

Ao final, foi possível observar que a prática de nos comunicarmos e de interagirmos na sociedade só é possível para nós através de uma ferramenta abstrata que é a língua. E o que as pessoas mais questionam sobre a língua (em especial a portuguesa), é a questão de ela ser muito complexa e possuir muitas regras e significados para uma coisa só, e que devido a isso é considerada uma das línguas mais difíceis de se aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DCM- O ESSENCIAL. Ed Motta anuncia turnê na Europa e pede que brasileiros “simplórios” não apareçam. Disponível em <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/ed-motta-anuncia-turne-na-europa-e-pede-que-fas-brasileiros-simplorios-nao-aparecam/>> Acesso em 15 de maio de 2015.

E-BIOGRAFIA. Biografia de Ferdinand de Saussure. Disponível em <https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/> Acesso em 08 de junho de 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 12º ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4º ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. 4º ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.



RODRIGUES, Marlon Leal (org.). Linguagem, identidade, gênero história. Rio de Janeiro: Litteris ED. Quártica Premium, 2011.

R7 ENTRETENIMENTO. Ed Motta diz que Paula Toller é “burra” e brasileiro é “povo feio”. Disponível em <<http://entretimento.r7.com/musica/noticias/ed-motta-diz-que-paula-toller-e-burra-e-brasileiro-e-povo-feio-20110513.html>> Acesso em 15 de maio de 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAFARELLO, Paulo César. Sentidos inter-ditos: entre as formas de dizer e as formas de negar / Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2012.